

LEITURA DO POEMA

Vera Casa NOVA*

Resumo: Este ensaio introduz uma reflexão sobre poesia, leitura e o envolvimento entre o autor e o corpo do leitor. Alguns fragmentos do ensaio mostram abordagens semióticas e o processo de criação nelas envolvido.

Palavras-chaves: Poesia, Semiótica, Leitura

“Ler é escutar”. Nietzsche

@ Como ler um poema? Um objeto poético diante de mim? Um texto poético? Pergunta que insiste e persiste no mundo acadêmico e mesmo fora deste. Para uma pessoa comum talvez seja mais fácil. Ela escolhe um livro de poemas e se emociona ou não. Deita a cabeça no travesseiro e dorme. O estudante de Letras é aquele que depois de ler um poema não consegue dormir, pois seu professor de Literatura vai perguntar o que quer dizer aquele poema, qual a mensagem etc e tal... As perguntas que se fazem ao texto poético, esse objeto complexo, tornam-se cada vez mais difíceis de serem respondidas, na contemporaneidade.

@ Esse graphos complexo, essa prática que se limita com o filosófico, exercita nossos afetos, na medida em que sua linguagem nos afeta. A nós, leitores, na aceção mais delicada ou mesmo violenta de versos, que rompendo ou não a linearidade do espaço da página, estão ali nos solicitando. Escritura sobre uma página (ou sobre qualquer outro suporte) que vai sendo desenhada por signos que constituem um texto que faz florescer uma língua-jogo-teatro.

@ Prática cuja intenção inicial de comunicação se dilui na tensão da intersubjetividade. Quando digo intersubjetividade, penso não na troca de eus conscientes, mas na troca de sujeitos diante de objetos que estão no

* Doutora em Literatura - Semiótica. Professora da FALE/UFMG. Casanova.bh@terra.com.br

mundo, que estão diante de nós, que nos olham e estão submetidos à linguagem.

@ Ao ler um poema, invadimos percepções, sutilezas, descobertas, encontros, silêncios, enfim, emoções e afetos de toda ordem. Instrumento sutil, o verso compõe uma escritura que pouco a pouco vai fraturando o mundo e refazendo-o, no exercício da leitura (gr. legein = colher).

@ Por que tantos não gostam de ler poemas?

@ Exercício tão complexo quanto o ato de escrevê-lo, a leitura de um poema traz a subversão sutil de uma ordem cotidiana.

@ Por ser profundamente questionado, esse gesto, esse jeito de ser escritural impaciente leitores, que estão acostumados a ver a literatura como entretenimento e lazer, idéia, aliás, difundida pela Indústria Cultural.

@ A palavra poética nos dilacera, nos coloca em movimento, nos desorienta, nos causa estranheza. Difícil e mesmo impossível apreender o diálogo silencioso que ali se instaura. O legível passa por ilegível ou ininteligível e a escritura acontece

@ O poeta presente no traço de sua escritura é um corpo cuja morte conceitual (Barthes, Foucault e Nietzsche) acontece durante a leitura. “Ser de papel”, o poeta gira, faz uma espécie de torção, onde o leitor se perde, e essa perda é de importância primordial. Ela nos propicia a negação da exasperada tirania do sentido que temos que descobrir na interpretação de texto (famosa por criar horror aos estudos da literatura).

@ Tentemos compreender o que diz Roland Barthes:

“O autor que vem de seu texto e vai para dentro da nossa vida não tem unidade: é um simples plural de encantos, o lugar de alguns pormenores tênues, fonte, entretanto de vivos lampejos romanescos, um canto descontínuo de amabilidades, em que lemos apesar de tudo a morte com muito mais certeza do que na

epopéia de um destino: não é uma pessoa (civil ou moral), é um corpo”.¹

@ De um corpo a outro corpo, o do leitor, que também é um texto, na medida em que é tecido pela cultura. Com sua história, repertório, conhecimento, é capaz de ler, significar. Esse leitor tem direitos, como aqueles que Daniel Pennac nos enumera em seu livro *Como um romance*². “O direito de não ler”; “o direito de saltar páginas”; “o direito de reler”; “o direito de ler em voz alta”, etc. Enfim, o direito à liberdade de troca, a liberdade do desejo, pois o poema não nos dá respostas às perguntas que fazemos a ele.

@ Nada se prova com o poema. Ele é para evaporar logo a seguir como um perfume, uma fragrância que se revela ao ser sentida. Mas inesquecível e incomparável, quando com outros cheiros.

@ O mal-entendido das interpretações não acaba com o poema, como não acaba com a vida. O laço entre os signos, o acontecimento poético é a vida enquanto experiência múltipla e incessante, deixando rastros em seu percurso de leitura. No entanto, se é vida também é morte, para que possamos sentir, perceber o movimento da linguagem, do contínuo ao descontínuo. Ler como escrever é transitivo e intransitivo.

@ Joseph Conrad dizia que o autor escreve apenas a metade de um livro, a outra metade fica por conta do leitor. A cada leitura de um poema, torno-me poeta: essa é a minha parte na leitura. É o momento do vazio que me incita à procura. Mas “o verdadeiro leitor não recria o livro, está disposto a retornar, por um impulso insensível, às diversas prefigurações que foram as suas e que o tornaram como que presente, de antemão, na experiência aventurosa do livro.”³ A cada leitura um outro processo se instala. A cada um, saber de seu imaginário.

¹ Barthes, R. *O óbvio e o obtuso*. Porto: Edições 70, 1982, p. 11.

² Pennac, D. *Comme un roman*. Paris: Gallimard, 1992.

³ Blanchot, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 203.

@ Na tradição hermenêutica em que o autor é um verdadeiro deus e o texto é enigma a ser decifrado, o leitor chega à significação por intuição, a partir de detalhes. A ligação das partes e detalhes é levada a um “centro” que parece ser o “espírito do autor”, sua intenção, unidade de sentido. Leo Spitzer (1ª metade do século XX) é um exemplo disso.

@ Heidegger chama nossa atenção para a leitura como um meio de ver o que nos olha (em *Was heisst lesen?*, 1954) e para o verbo *legein* (>dizer, recolher e ler sentidos). O filósofo nos diz como o ato de ler se identifica com o reagrupamento das partes para chegar ao sentido único, ou seja, à procura do centro em nome do UM. Assim a metafísica ocidental propôs a interpretação monológica do sentido. Mesmo sabendo do texto plural, prefere recalá-lo em nome do autor.

@ A semiologia barthesiana vem romper com essa herança hermenêutica. Ela elabora uma definição de texto que escapa ao fascínio do UM. Ressonância de vários textos, o texto é intertextual por excelência. Vozes e corpos que se tocam sensualmente para criar significâncias.

@ A leitura do texto poético adquire sua expressão maior numa mudança radical em que o deslocamento, o descentramento da figura do autor, passando para o texto e para o leitor, deixa a circulação e produção de sentidos acontecerem. O texto é produto de um trabalho (*poiesis*) de criação, gerador de sentidos. A tônica é a diferença entre significação e significância. A significação de um poema designa o sentido enquanto uma unidade (sólida, que não admite variação) e a significância como sendo dinâmica, ou seja, um regime de sentidos que não se fecha e sensualmente é sentida.

@ A leitura de um poema seria pensada a partir de uma teoria liberadora do significante, isto é, o texto enviaria um significante a outro, sem jamais se fechar em um só significado transcendental. Significância seria essa aglutinação de significação e diferença que negaria o sentido único.

@ O plural do texto seria o sentido potencialmente múltiplo, ou seja, que há uma infinidade virtual de sentidos; o texto aborda-se, experimenta-se em

relação ao signo. A obra fecha-se sobre um significado (...).O Texto pratica o recuo infinito de significado, o Texto é dilatário (...).⁴

@ A leitura plural que opõe Texto à Obra adquire uma dimensão de um novo objeto epistemológico. Ler um texto como uma enunciação é fazer a leitura em nova chave. O corpo que está em jogo é também o do leitor, aquele que pulsa, o mostrado e o escondido.

@ O poema começa a existir quando o poeta o deixa para seu leitor; eis a dialética do desejo. Da mesma forma que o desejo se lê na escritura, o leitor deseja o texto.Somos um corpo erótico. Nosso corpo ressoa nossa leitura. O autor se ausenta na hora da leitura (sua pessoa real falta e sua intenção só subsiste concretizada no texto), mas não está ausente de sua escritura e da relação com o leitor. Essa relação declarada entre sujeitos, entre corpos, é uma caixa de ressonância em que a pulsação se faz sentir na história de cada um.

@ Ler um poema é um gesto, uma prática, um prazer. Cada vez que tento analisar um texto que me deu prazer, não é minha subjetividade que encontro, é meu indivíduo, a coisa que faz meu corpo diferente dos outros corpos (...) é meu corpo de gozo que encontro. E esse corpo de gozo é também meu sujeito histórico.⁵

@ Diversas vias são abertas no ato de criar um poema.Vozes de dentro e de fora, silêncios, ruídos variados, na multiplicidade de registros sonoros ou nas inúmeras possibilidades da imagem da letra em poemas visuais que constroem ritmos audíveis e imagéticos. Cabe ao leitor o prazer da descoberta desse universo que é o poema. Em qualquer suporte (meio) que o poema se dá a ler, ao leitor cabe ir e vir dentro e fora da linguagem instaurando seu lugar.

@ O abismo, o fracasso, o desastre, a solidão, o caos, como querem alguns teóricos e filósofos, inscrevem-se no poema tal qual no leitor após sua

⁴ Barthes, R. “Da Obra ao Texto”. In: *Rumor da Língua*. Porto: Edições 70, 1987. p. 57.

⁵ Barthes, R. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 2000, p. 125 (trad. da autora).

leitura. Ser um outro é sempre uma tarefa difícil (alusão ao poeta Rimbaud: Eu é um outro) .Uma jogada de xadrez em que o xeque-mate nos angustia

@ Mesmo que o jogo seja difícil, a leitura deve ser realizada. Seu comentário é importante, mesmo sabendo-se que todo texto poético é inesgotável. A cada leitura, o texto se renova. Ao retirar o livro da estante, ele adquire vida e revive a cada página que se vira. Cada leitor pode mesmo ser um autor às avessas, que tenta, a seu modo, saber como o poema é feito. Essa intimidade é aceita pelo pacto que cada autor faz com seu leitor. O papel da crítica é de tornar legível o ilegível e de preparar o encontro das potências do texto e seus leitores, mas, sobretudo, convém não esquecer que criticar é pôr em crise.

@ Não há método para a leitura crítica do poema. Os métodos caem por terra. Tudo é pretensão diante do poema. As entradas podem ser variadas, criando redes, tensões, mas as perdas são inúmeras, não se fecham. O poema é um desafio, por falta ou excesso de significação. Mesmo assim, continuamos com nossa razão discursiva a dizer algo sobre seu poder de sedução, tentando explicá-lo .

@ O poema cumpre seu dever de “jogo, raiva, geometria, assombro, maldição e pesadelo, mas nunca cartola, diploma e beca” (Oswald de Andrade).

(Explique-se a arroba: para cada fragmento a marca de um sinal gráfico, letra inicial de nosso alfabeto, cujo círculo não se fecha. Como o poema em seu espaço e tempo, o fragmento é um recorte por onde passam várias teorias que estão disseminadas e que não se fecham, sendo somente como um corpo, transdutores de signos, como numa semiose infinita.)

NOVA, V. C. Poem reading

***Abstract:** This essay introduces a reflection about poetry, reading and the involvement between author and reader's body. Some fragments of the essay show the semiotics approaches and the creation process involved.*

Keywords: Poetry; Semiotic; Reading